

A influência brasileira

O sax do paulista Ivo Perelman é destaque entre a vanguarda americana do 'free jazz'

TÁRIK DE SOUZA

Enquanto o Sepultura injeta pitadas de afrobrazilianismo no *metal*; em outra cena rebelde condenada a minorias — a vanguarda do *free jazz*, quase um *thrash* do ramo — também corre um soprô brasileiro. Com quatro novos títulos recém lançados e mais quatro programados para 97, o saxofonista paulista Ivo Perelman, radicado nos EUA desde 1981, é considerado na terra do jazz uma das revelações do setor. Tanto que foi um dos convidados para integrar a foto que a revista *Life* fez com jazzistas americanos reproduzindo um flagrante igual de 40 anos atrás defronte de um casarão do Harlem, quando Count Basie e Dizzy Gillespie ainda davam as cartas e Sonny Rollins posava de caçula, aos 28 anos. Perelman, 35, tem se destacado por seu projeto de combinar a atonalidade *free* e o improviso desenfreado com pitadas de regionalismo e folclore brasileiros. Não por acaso, ele criou o selo Ibeji, nome importado do candomblé, e um de seus novos discos chama-se *Tapeba songs*, baseado em canções de uma tribo indígena. Ele também gravou *Cama da terra*, com Matthew Shipp (piano) e William Parker (baixo), *Sad life* ao lado de William Parker (baixo) e Rashid Ali (bateria) e o solo de

sax de *Blue Monk variations*, o mais radical de todos.

Com apenas seis faixas, o disco é resultado de um chá de cadeira levado pelo brasileiro. Trancado no estúdio para uma gravação, enquanto esperava por um colega atrasado, ele começou a tecer variações em torno da célebre composição do pianista Thelonious Monk (1917-1982), indo da mais deslavada demolição à edificação de um subtema próprio (*Variation*, em três reproduções diversas), como faziam os *beboppers*, só que seguindo outra cartilha. "Sempre tive uma sensibilidade jazzística porque estou sempre tentando improvisar em qualquer música que eu toque", definiu numa entrevista à revista *Jazziz*. Tal volúpia do improviso (e da desconstrução) também conduz ao paroxismo em *Sad life*. Faixas como *Urgência*, tornam pleonásticas quaisquer descrições, embora convivam no mesmo disco com uma espécie de ciranda de roda, *Alagoana*, evidentemente conduzida a outros (des)caminhos.

O sax tenor inquieto de Perelman recorre muitas vezes a escalas nos tons mais extremos dos registros agudos e/ou graves, não raro descobrindo timbres inusitados como demonstram as recorrências de *Spiral*, o clima aleatório de *Soundcheck* ou a atmosfera



Ivo Perelman abre espaço para o seu sax na terra do jazz

cavernosa de *Elephants have brains*, todas do CD *Cama de terra*. Mais próximo da formulação de um *free jazz* tropical, em *Tapeba songs*, ao lado dos brasileiros Lelo Nazário (teclados), Paulo Bellinati (violões) e José Eduardo

Nazário (percussão), ele irriga suas divagações pós-Albert Ayler com intensa percussão. Cria uma estação imaginária onde o baticum das taperas encontra o concreto das cidades de compassos no espaço.

Divulgação